



**O ABC DE ZECA DIABO: UMA PROPOSTA DE
ABORDAGEM DA VIOLÊNCIA NO BRASIL EM SALA DE
AULA POR MEIO DA NOVELA “O BEM AMADO” (1973),
DE DIAS GOMES**

**THE ABC OF ZECA DIABO: AN APPROACH OF
BRAZILIAN VIOLENCE IN CLASSROOM BY MEANS OF
“O BEM AMADO” SOAP OPERA (1973), BY DIAS GOMES.**

Thales Biguinatti Carias*

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – IFMT

 <https://orcid.org/0009-0005-6146-4006>

thales.carias@gmail.com

Iza Debohra Godoi Sepúlveda**

Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT

 <https://orcid.org/0000-0002-0817-633X>

izagsepulveda@gmail.com

RESUMO: Entre outubro e novembro de 2021, os alunos das turmas de segundos anos da Escola Estadual Governador Júlio Strubing Muller foram surpreendidos com a proposta de assistirem a uma novela em sala de aula. A proposta surgiu das provocações feitas ao longo do Curso de extensão “Ensinar história entre o pensar e o fazer: práticas, linguagens e culturas”, oferecido conjuntamente pelo arquivo histórico de Erechim e pelo departamento de história da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Erechim, na modalidade online. Tentando, portanto, levar à sala de aula algumas reflexões incitadas pelo curso, esse texto pretende relatar e sistematizar a proposta feita aos alunos. O mote central das discussões é propor que a telenovela, como gênero e produto cultural de massas, pode ser profícuo instrumento para trabalhar com história em sala de aula a partir da ideia de abordagem de “temas sensíveis”.

PALAVRAS-CHAVE: Temas sensíveis; Novelas; Violência e direitos humanos; Ensino de história.

ABSTRACT: Between October and November 2021, students in second degree from Governador Júlio Strubing Muller Highschool, were surprised with an proposes of watching a soap opera in classroom. It emerges from the questions made during a course called “Teaching history between the thinking and the doing: pratices, languages and cultures”, offer by historical archive of Erechim-RS, in association with history department of Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) in online model. Trying, therefore, to

* Doutorado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso. Professor EBT - História do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso.

** Doutoranda e Mestre em História pela Universidade Federal de Mato Grosso, programa de pós graduação em História. professora da Universidade do Estado de Mato Grosso.

bring to the classroom some questions made by the course, this text wants to relate and systematize the proposes made to the students. The central point of discussion is, therefore, to propose that the soap operas, as a gender and a mass culture products, can be fruitful tool for history lessons including some “sensitive topics”.

KEYWORDS: Sensitive topics; soap operas; violence and human rights; history teaching.

INTRODUÇÃO

Entre outubro e novembro de 2021, os alunos da Escola Estadual Governador Júlio Strubing Muller foram surpreendidos com a proposta de assistir a uma novela em sala de aula. A curiosidade tomou as salas de assalto e muitos se perguntavam se íamos assistir as novelas que eram referência para eles. Desde grandes sucessos da televisão brasileira, como “O rei do gado”, até produções atuais de sucesso internacional, como os “Doramas” (seriados sul-coreanos disponíveis via streaming), passando pelas novelas turcas, todos davam seus palpites sobre o que, como e por que iríamos assistir a uma novela em sala de aula. A verdade é que, via de regra, eles estavam acostumados com filmes em sala de aula, mas a proposta de uma novela, mesmo que indiretamente, trouxe para o ambiente um universo que lhes parecia mais próximo, com base na fruição deles, e isso tornou a proposta aceita por quase unanimidade.

Mas nem tudo é próximo e afim aos alunos e a apresentação da referida novela causou certa estranheza, pois ninguém se manifestou dizendo conhecer ou mesmo ter ouvido falar de “O bem amado”. Quando viram se tratar de uma novela da década de 1970, os ânimos se exaltaram, pois aquilo lhes parecia tão recuado no tempo que mesmo seus pais ou avós não seriam capazes de conhecer. Junto ao estranhamento, também veio a desconfiança: uma novela de 1973 seria capaz de nos agradar? Não é o caso, para esse texto, de criarmos suspenses. Portanto, é possível adiantarmos que sim, agradou, e muitos se manifestavam dizendo: “eu achava que essa novela antiga ia ser horrível, mas a história do Zeca Diabo é interessante, professor”.

A capacidade de Zeca Diabo de gerar comoção e empatia parece atravessar boas décadas. Lima Duarte, ator que deu vida ao cangaceiro na novela de Dias Gomes, conta em entrevista (DUARTE, 2012) que essa era para ser uma personagem episódica, diferente do texto original para teatro, onde Zeca Diabo entra na trama e permanece até o fim. Na adaptação televisiva, Zeca Diabo seria uma participação especial de Lima Duarte para 5 episódios. De acordo com Duarte, no quarto e penúltimo episódio de sua participação, a novela encerrava-se com um policial apontando uma arma em sua cabeça,

a queima roupa. Nesse dia, ainda de acordo com Duarte, os telefones da Rede Globo não paravam de tocar e as remessas de cartas chegavam sem fim: caso Diabo morresse, ninguém mais iria assistir à novela. Atendendo ao clamor popular, Dias Gomes reconduziu a trama para que ela tivesse o mesmo desfecho da peça teatral, preservando a participação de Lima Duarte até o último episódio.

A atuação de Lima Duarte, o texto de Dias Gomes e o tema da violência no Brasil casaram bem com a interpretação histórica sobre a colonização e suas permanências que vínhamos abordando em sala de aula. De tal maneira que, inspirados pelo texto de Nilton Mullet Pereira e Fernando Seffner, lido e discutido no curso de extensão “Ensinar história entre o pensar e o fazer: práticas, linguagens e culturas” (oferecido conjuntamente pelo arquivo histórico de Erechim e pelo departamento de história da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Erechim, na modalidade online), resolvemos lançar a hipótese de que a telenovela poderia ser um catalizador de “temas sensíveis” como mote para a discussão histórica em sala de aula.

A partir disso, traçamos uma linha de atuação e realizamos o projeto que previa algumas etapas: - seleção de episódios; - transmissão dos episódios selecionados em sala de aula; - discussão do tema central da novela; - Aula dedicada a estabelecer relações entre o tema central da novela e o tema que estava em curso nas aulas (cultura sertaneja); - Leitura do capítulo “O Brasil sertanejo”, do livro “O povo brasileiro”, de Darcy Ribeiro e, por fim, - Produção de redação com base no tema: a violência no Brasil e as relações possíveis entre “Zeca Diabo” e a sociedade colonial brasileira.

A escolha da novela se deu pelo fato dela concentrar amplas discussões em sua trama. Zeca Diabo é um cangaceiro que não mata. Um homem cujo passado lhe condena, mas que está disposto a se regenerar. O cangaço e a violência estão diretamente associados ao tema que estava em voga na sala de aula. Começamos a pautar a colonização, no primeiro bimestre de 2021, a partir de sua relação com a questão mais ampla dos direitos humanos. A negação do outro como condição da escravidão e a construção histórica da cidadania pautaram os debates a respeito da conquista da América e da gestão do ser moderno, tal como nos adverte Tzvetan Todorov no seu já clássico “A conquista da América: a questão do outro” (TODOROV, 2003).

Posteriormente, vimos como o processo de colonização, enquanto ocupação dos espaços com finalidades de integração destes à lógica do mercado internacional, foi o gerador indireto de manifestações culturais muito ricas e que contribuíram para o que hoje chamamos de uma “cultura popular” identificada com determinada “identidade

nacional”. Esse mote foi possível graças aos apontamentos de Antonio Candido, no seu também clássico “Os Parceiros do Rio Bonito” (CANDIDO, 2010). A tese central de Antonio Candido fora o centro das discussões: o “bandeirante atrofiado”, ou seja, o sujeito da colonização apartado da sua função de abastecer o mercado de mão-de-obra (por meio da escravização dos indígenas), foi o produtor da cultura caipira isolada, mas em consonância com os aprendizados dos indígenas que, outrora, eles mesmos ajudavam a capturar e escravizar.

Nessa tentativa de esquadrihar os processos históricos violentos que geraram culturas nacionais, passamos a tratar do sertanejo não como sujeito isolado da colonização, mas como agente subsidiário, posto que fornecedor de insumos necessários à manutenção dos engenhos no litoral nordestino. A esse ponto da discussão, uma novela que tematiza (e ironiza) as relações de poder numa típica cidade pequena do Nordeste nos parecia oportuno. O tema do cangaço, abordado por Zeca Diabo, fazia ainda mais sentido quando pensávamos na instituição em questão. A escola Júlio Strubing Muller fica na região central do bairro Cristo Rei, em Várzea Grande, região metropolitana da capital mato-grossense, Cuiabá.

A tese de Rosinaldo Barbosa nos elucida a respeito da relação Cuiabá X Várzea Grande. Para esse autor, a produção de centralidades constitui eixo de análise para mostrar como, a partir da década de 1970, Cuiabá foi pensada para atender às demandas do capital financeiro internacional, atuante na região por meio do agronegócio. Nesse sentido, construiu-se o “Centro Político Administrativo”, região onde o capital financeiro circula e estabelece seus pontos de contato com o poder e com os produtores rurais (SILVA, 2019). A parte desse centro, a cidade se mobiliza em funções subsidiárias ao agronegócio, como o setor de cargas, de manutenção de maquinários agrícolas e de prestação de serviços. Ainda de acordo com Rosinaldo, Várzea Grande se enquadra no ramo da prestação de serviços. Muito embora a cidade tivesse sido pensada como “cidade industrial”, cujos planejamentos iniciais previam um parque industrial robusto como motriz econômico, o que se configurou na realidade foi um boom no ramo da prestação de serviços.

Dessa forma, Rosinaldo mostra, a partir de mapas criados por ele, uma verdadeira cartografia da circulação de capitais associada às condições de vida da população. Nessa proposta, percebemos claramente que Várzea Grande se desloca para Cuiabá para prestar serviços, mas não conta sequer com infraestrutura básica. A água no bairro Cristo Rei, por exemplo, é escassa, mesmo com a cidade vizinha de Cuiabá sendo

abundante no fornecimento. Não é muito custoso você encontrar notícias recentes sobre faltas agudas de água na região. Sobretudo nos momentos referentes ao período de desenvolvimento das atividades, onde a manutenção da higiene pessoal era reforçada para o combate à infecção por COVID-19, a falta d'água no bairro por mais de 10 dias é sintoma de uma desigualdade social atroz, sustentada pela lógica do capital internacional.

No que concerne à violência, especificamente falando, a região é controlada pelo Comando Vermelho e, não raro se vê pichações na escola com alusões ao grupo¹. Mesmo que possamos relevar tais manifestações como “coisa de adolescentes”, não é o caso de se negar que o grupo seja uma referência para alguns alunos.

Nesse sentido, se a escola governador Júlio Strubing Muller, por um lado, é referência no bairro e ocupa determinada centralidade, com escolas mais marginalizadas e precárias nos arredores, por outro lado, não deixa de estar inserida numa lógica de uma certa violência; resquício da organização regional voltada para o favorecimento da circulação do capital cuja base é o agronegócio.

Nestes termos, fica clara a relação com a violência do tempo colonial, violência essa que era base para a manutenção de um sistema de integração do território à dinâmica moderna da circulação de bens e capitais. O que nós propomos, portanto, foi levantar essa relação a partir da novela que, não obstante, também falava de um tempo que já havia passado, dado que o cangaço, como fenômeno histórico, já não mais se verificava na década de 1970. Seguindo esse raciocínio, “O bem amado” é novela que busca refletir sobre o processo truncado da modernização brasileira, o que vem bem a calhar, se pensarmos em como os alunos, no presente, são também sujeitos inseridos na dinâmica deste processo.

O MOMENTO DE EXECUÇÃO

Como já afirmamos, o trabalho fora executado ao longo dos meses de outubro e novembro do ano de 2021. Pegaremos o exemplo da turma do segundo ano E (2E) para elucidar as etapas de execução. Assim sendo, nesta turma, os trabalhos se iniciaram no dia 13 de outubro, quando apresentamos a trama aos alunos, contextualizando-a para dar

¹ Por motivos estruturais, a escola teve de ser desocupada, tendo o estado de Mato Grosso prometido sua demolição e futura reconstrução. Em virtude disso, a escola funciona, atualmente, num prédio privado, pertencente à Universidade de Várzea Grande (UNIVAG). Por isso, as pichações já não são constantes, mas o discurso de louvor ao tráfico ainda se verifica em alguns alunos. Compreendemos que generalizações são problemáticas. Por outro lado, esse é um discurso presente e que demanda reflexão a respeito de suas razões e formas de combatê-lo.

foco na personagem central de nossa análise, o já mencionado cangaceiro Zeca Diabo. Nesse dia, depois da dita contextualização, assistimos ao capítulo 55 da novela que está inteiramente disponível no serviço de streaming da Rede Globo. Já no dia 20 de outubro, demos uma pausa na novela em si para assistirmos à entrevista de Lima Duarte para o quadro “O que vi da vida”, citada anteriormente. Nessa entrevista, Lima Duarte nos dá uma pista para interpretar a personagem de Zeca Diabo no contexto da trama.

Lima Duarte narra que, na oportunidade em que o papel veio para ele, pôs-se a conversar com Dias Gomes para entender melhor a proposta de encenar um cangaceiro que não mata. Já a par da questão, Duarte chama para si a responsabilidade de compor o figurino da personagem. Conta ainda ele que recorreu a um tintureiro, perguntando se algum “paraíba” havia deixado uma roupa por não ter condições de pagar, no que o tintureiro prontamente respondeu que era o que mais havia no lugar. Posteriormente, em um churrasco, Lima Duarte avista um chapéu e, ainda de acordo com seus relatos, pega-o para compor o figurino. Além dos adereços, Lima Duarte havia pensado em manter um bigode e se concentrava para encenar por meio do olhar. Dando-nos todas essas informações, o ator que deu vida a Zeca Diabo nas telas da TV conclui:



Terno de matador; Chapéu de matador; Bigode e olhar de matador. Cheguei no bar, a minha primeira fala era: “me dá uma cachacinha, por favor”. Cheguei lá e disse assim: “me dá uma cachacinha, por favor” **(fazendo com a voz fina e estridente)**. O espectador falava: “O que é isso? É viado? Ué, mas o que é isso? Fala fino?” Daí, o povo pega o fio da meada e desfia... É viado? Não é homem? Tem a voz fina? Não é um matador. **É uma vítima de uma estrutura social viciada.** (DUARTE, 2012, grifos nossos)

A partir dessa entrevista e, tendo já visto o episódio da novela onde Zeca Diabo é apresentado ao público, pomon-nos a refletir: qual o papel do ator na composição de sua personagem? Como um ator utiliza-se de recursos dramáticos para comunicar-se com o público? A questão flagrante da masculinidade (associar “voz fina” a “viado”) nos diz algo sobre essas estratégias? Qual a força de uma “estrutura social viciada”? como explicar que ela tenha levado uma pessoa que não mata a matar?

A partir dessas questões, tentamos compreender melhor o papel da personagem de Zeca Diabo na trama e, também, as relações possíveis entre esse papel e as reflexões levantadas sobre a colonização em sala de aula. Voltávamos, portanto, à novela no dia 27 de outubro já munidos de boas reflexões. Nesse dia, vimos o episódio de número 114, onde Odorico manipula o corpo policial local para montar um cerco a Zeca Diabo.

Posteriormente, no dia 29 de outubro, conseguimos assistir a dois capítulos, de números 115 e 116, concluindo quando, finalmente, Diabo é preso e o cerco vence.

Já adentrando ao mês de novembro, foi a hora de construir, junto aos alunos, nossa interpretação sobre a trama e sua relação com a dita colonização no Brasil. Essa relação foi construída nos dias 03 e 05 de novembro, a partir do enfoque na manipulação que envolvia Zeca Diabo e Odorico Paraguassu. Como coronel, representante de uma certa elite agrária local, Odorico Paraguassu não media esforços para lograr seus objetivos. Por outro lado, Zeca Diabo, sozinho no mundo, contando apenas com a ajuda do seu “padim, Padi Cícero”, não via muitas perspectivas, mesmo disposto a se regenerar, e contava com a solicitude de Odorico; solicitude essa cheia de más intenções.

Nesse sentido, discorremos sobre a relação entre o poder e a constrição social gerada por uma série de condições que levam os sujeitos à violência, mesmo que a contragosto. A aula, portanto, desenvolveu a ideia de que, como fenômeno social, a violência vai além da mera vontade individual e deve ser vista dentro do contexto social responsável por esse fenômeno que se nos apresenta de tal ou qual forma. Posteriormente a essa aula, voltamos à questão da cultura sertaneja, porém tentando aprofundá-la a partir da leitura coletiva do capítulo “O Brasil sertanejo”, do já citado livro de Darcy Ribeiro (RIBEIRO, 2006). Essa leitura foi realizada nos dias 10, 12 e 17 de novembro de 2021.

Por meio dela, pudemos retomar a ideia de uma construção social de longo prazo com base numa remessa de mercadorias ao exterior e tendo a atividade pastoril do sertanejo como subsídio às necessidades da estrutura social vigente. A partir da leitura, procuramos expor e tornar mais clara a afirmação de Lima Duarte sobre sua própria personagem que, para ele, não era um matador, mas uma “vítima” de uma estrutura social viciada. Dessa forma, múltiplas mídias foram mobilizadas para construir uma interpretação sobre o Brasil e levantar questões que não são letra morta na história, garantindo uma conexão direta com o presente e com as “questões sensíveis”.

Por fim, nos dias 24 e 26 de novembro de 2021, os alunos foram provocados a construir uma redação dissertativa a respeito do tema que havíamos exaurido. Algumas redações foram selecionadas para constar nos anexos e passaremos a discuti-las mais adiante.

REFERENCIAL TEÓRICO

A novela como produto cultural é sabidamente popular e atravessa algumas décadas de existência, entre altos e baixos, no nosso país. Esther Hamburger destaca, na introdução ao seu livro “Brasil antenado” (HAMBURGER, 2005), o debate envolvendo o assassinato de Daniela Perez, ocorrido em 1992, enquanto interpretava o papel de Yasmim na novela “De corpo e alma”, escrita por sua mãe, Glória Perez.

Para Hamburger, a repercussão do caso e as formas como público, imprensa e a própria Rede Globo lideram com ele evidencia que a novela é capaz de criar significados e pautar questões eminentes, como as que estavam em jogo na época. Nesse sentido, Hamburger destaca que, a certa altura do debate, era claramente perceptível que o assassinato era tematizado na novela, mesmo que indiretamente, assim como a novela pautava temas sérios da vida real, como o apelo que a Rede Globo fez pela aprovação da pena de morte (que não pegou bem e foi esquecido pela própria emissora), além da própria empreitada de Glória Perez em tentar mudar a legislação para impedir que, em casos de assassinato, o réu primário tenha direito a condicional por bom comportamento.

Todos esses elementos, além de outros mais, são pautados por Ester Hamburger para mostrar como um produto cultural da popularidade da novela é profícuo ponto de análise e crítica da realidade social onde está inserido, mostrando-nos a capacidade de esquadrihar os diferentes agentes envolvidos no processo de produção e circulação deste, bem como percorrer os significados gerados no decorrer desse sistema. Para a autora:

A novela é uma obra audiovisual que resulta de um multiálogo e faz a mediação da relação entre produtores e receptores, incorporando uma gama de significados possíveis, nem sempre intencionais. Telespectadores podem compreender certos produtos de diferentes maneiras. Profissionais especializados em comentar televisão na própria tevê, no rádio, ou na mídia impressa, figurinistas, músicos que compõem trilhas sonoras, fãs, pesquisadores de mercado e outros profissionais podem ser considerados “mediadores” nesse processo de produção de significados”. (HAMBURGER, 2005, p. 20)

Seguindo a linha da construção de significados que envolve a novela, fica evidente a riqueza desta como ponto de debate em sala de aula. A capacidade das múltiplas linguagens em levantar dúvidas, promover o debate e, principalmente, mobilizar sentimentos pode ser aproveitada como mote para o trabalho de temas sensíveis em sala de aula.

Com esse termo, que já vimos usando com certa frequência, mas até o momento sem a necessária sistematização, estamos nos referindo ao conceito proposto pelos autores Nilton Mullet Pereira e Fernando Seffner, que o utilizam para destacar a importância da história em sala de aula pautar-se pelo presente. Nesse sentido, os temas sensíveis funcionam como aglutinadores de temporalidades, evidenciando aos alunos que a linearidade não passa de instrumento de orientação e que o rico, em história, é perceber que existem múltiplos passados resistentes concomitantes ao nosso presente. Ao anexar distintas temporalidades, o aluno como sujeito precisa passar a pautar suas interpretações pelo fator ético, posto como capacidade de reconhecer o passado resistente como empecilho à realização plena dos direitos humanos, por exemplo. Dessa forma, os autores consideram que:

O aspecto ético se refere, justamente, aos efeitos esperados do ensino, na medida em que o ato de ensinar faz um recorte no passado, e este se dá em função das demandas do presente (Jenkins, 2001). Os objetivos de docência estão implicados num processo de representação que tem efeitos no modo como as novas gerações olharão para si mesmas, para o seu mundo e para os outros. O caráter ético do ensino de história está justamente no processo de construção de si mesmo como sujeito de um olhar, como subjetividade marcada por se permitir realizar uma determinada interpretação do passado e, ao mesmo tempo, do seu lugar no presente. Estudar os passados sensíveis não significa apresentar ao aluno um conteúdo disciplinado e frio (White, 1995), mas colocá-lo diante de algo que desperta indignação frente à injustiça e a violação dos direitos humanos. A escrita da história sobre esses passados e seu ensino não são atitudes desinteressadas, mas voltadas ao futuro – um futuro de tolerância, de reconciliação com a justiça e com os direitos. (PEREIRA; SEFFNER, 2018, p. 17)

Seguindo na linha da preocupação ética em sala de aula, bem como da operação de recorrer ao passado tocado por experiências e indignações do presente, julgamos possível o uso da telenovela como agente catalizador dessas orientações. A dramaticidade das cenas escolhidas, a atuação inspiradora de Lima Duarte e o tema central, afim à realidade dos alunos, nos permitem afirmar que essa experiência rendeu um contato vivo com o tema, distante da disciplinaridade fria da separação cartesiana entre alma e corpo, mas sem abandonar o rigor metódico na construção dos argumentos, na análise dos problemas veiculados e nas propostas de redação posteriormente executadas. Nesse sentido, a novela se constitui em rico ponto de mobilização de temas sensíveis e permite uma avaliação ética de grandes dilemas nacionais para as aulas de história.

EXPECTATIVAS ANTES DA EXECUÇÃO E IMPRESSÕES PÓS EXECUÇÃO

Nos momentos de planejamento da atividade, muitos foram os pontos de preocupação, dentre os quais buscamos sistematizar em grupos. O primeiro deles diz respeito aos aspectos ligados à receptividade dos alunos para com a proposta, algo do que já tivemos oportunidade de discutir mais acima: Seria legítimo passar uma novela em sala de aula? Os alunos se sentiriam à vontade em assistir uma novela da década de 1970? A proposta de trabalho com material longo em sala de aula, como é o caso das novelas, não geraria uma sensação, nos alunos, de que estaríamos enrolando-os, preenchendo aulas com atividades vãs? Tudo isso se dissipou já nos primeiros episódios, quando a empolgação com o drama, associado às reflexões que pontuávamos mostrava, nos alunos, ótima receptividade.

Para além dos problemas ligados à receptividade, também nos preocupou os elementos de execução do projeto: Como pensar e executar a veiculação de um produto tão extenso quanto uma novela? Quais os critérios necessários para estabelecer um recorte? Quanto tempo de aula poderíamos dispor para uma tal atividade? Esses problemas se tornavam maiores quando pensávamos que não havia uma experiência prévia por nós elaborada para uma tal apresentação.

Nesse sentido, tivemos que estipular um número de aulas que achávamos razoável apenas para a apresentação dos episódios. A preocupação em voga era não tornar essa uma experiência enfadonha para os alunos.

Por fim, nossas questões não se encaixavam mais na categoria de dúvidas/preocupações e sim no que podemos chamar, mais propriamente dito, de expectativas. Nesse sentido, pautava-nos os aspectos da construção do debate: A grande proposta era instigar os alunos a tomarem contato com outras obras e experiências estéticas. Mesmo sendo um produto da cultura de massas, uma novela tão recuada no tempo certamente guarda elementos de estranhamento com relação ao padrão estético ao qual os alunos estão habituados.

Também era importante destacar a capacidade de construção de nacionalidades a partir da novela e como tais nacionalidades também nos tocam como indivíduos. Nesse sentido, a violência como elemento que atravessa temporalidades e nos conecta com um passado capaz de ser reconhecido como solidário com o nosso próprio tempo é preocupação fundamental. Felizmente, pós execução, foram justamente os elementos de preocupação com o debate que nos levaram a dar atenção para momentos importantes,

como no caso onde um aluno perguntou, ao ver a história de Zeca Dado, se ela “falava sobre as gangues de lá”.

A reação do aluno nos evidencia que eles possuem capacidade associativa. Capacidade essa de criar uma inteligibilidade de um produto estranho a partir de uma realidade que lhes fosse mais próxima. Como escola, precisamos trabalhar mais e melhor nesse sentido. Lembramos, também, da dramaticidade impingida pelos atores como motriz para a levantar as discussões em voga.

Quando Zeca Diabo se consterna com o estrago, feito pela troca de tiros do cerco contra ele, no material que ele preparava como “lição de casa”, e lamenta-se ao médico, Juarez Leão (Jardel Filho), nos revela que seu sonho era ser cirurgião dentista, mas uma “sina desgraçada” joga ele no cangaço. Essa falta de perspectiva que leva um sujeito bom para uma vida de incessante violência, na atuação de Lima Duarte, foi muito importante para que o tema da violência como parte de um contexto social mais amplo, e não como mera vontade individual, pudesse ser abordado nas suas ligações intrínsecas ao colonialismo no Brasil.

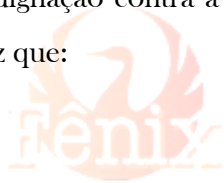
No encalço dessas ideias, nós tivemos ainda a oportunidade de retomar as discussões sobre cidadania no Brasil, feitas na oportunidade em que discutíamos a construção histórica dos direitos humanos. Nesse sentido, voltamo-nos à obra de José Murilo de Carvalho, “Cidadania no Brasil: o longo caminho” (CARVALHO, 2015), escrita a propósito dos 500 anos do Brasil.

Nessa obra, relembramos as preocupações de Carvalho no que concerne ao aparato colonial como empresa e não como construção de uma perspectiva cidadã. Nesse sentido, Carvalho destaca a grande confusão entre esferas pública e privada que deriva desse processo e que se manifesta ainda como passado vivo. A relação entre Odorico e Zeca Diabo, portanto, ficou mais clara: tratava-se de uma relação de poder típica dessa confusão entre os foros privado e público gestada no modelo de colonização e que atravessava os séculos, até a década de 1970, período de produção da novela, em diante.

É nesse aspecto que gostaríamos de enfatizar o último elemento de nossas impressões pós execução, qual seja, a potencialidade da novela, como recurso de linguagem, para construir historicidades múltiplas junto aos alunos. Nesse sentido, as propostas de redação recebidas nos mostram como tais historicidades podem ser passíveis de elaboração pelos próprios alunos, concebidos como sujeitos do conhecimento. Passo a citar alguns exemplos de redações selecionadas a serem disponibilizadas em anexo.

Por uma questão de preservação das identidades dos estudantes, os nomes que serão citados, advertimos, são todos pseudônimos. Vale frisar também que todos os alunos deram autorização expressa para divulgação dos textos. Gostaria de destacar alguns elementos, portanto, da aluna Ana Luísa, da turma segundo ano E. Em sua redação, ela nos diz que: “As atitudes de Odorico Paraguaçu como figura máxima de poder da cidade, mesmo que não fosse deliberadamente um coronel, mostram como a marginalização do Zeca Diabo foi apenas um meio necessário para atingir seus objetivos mesquinhos”. Nessa conclusão de sua redação, fica claro que a aluna não só compreendeu a proposta de análise, como pôde fazer uma apreciação do dispositivo de linguagem apresentado e, a partir disso, arrematou uma sentença ética sobre o assunto, definindo o lado mesquinho e o lado indefeso da história e destacando que essa relação de poder está incrustada numa certa historicidade da colonização representada pela figura do “coronel”.

Por outro lado, a aluna Andréia, da turma segundo ano C, não se preocupou em construir historicidades mais complexas. Entretanto, pautou-se por um senso forte de indignação contra a situação de violência, tanto na trama quanto no nosso presente. Ela diz que:



A violência na novela: "O bem amado" é extremamente explícita, o ambiente onde o personagem Zeca diabo vive é sempre bem agressivo cheio de confrontos entre os rivais. Vendo a vida deste personagem percebemos o como a morte se torna frequente, ter sangue em suas mãos é algo rotineiro até quando o cangaceiro desiste e se arrepende de seu passado tomado por óbitos

Por fim, elencamos o elemento da imaginação histórica presente na contribuição do aluno Bernardo, da turma segundo ano B. Ele faz um interessante paralelo sobre a questão histórica da violência no Brasil, motivado pelo debate a respeito de Zeca Diabo, e a exclusão de minorias históricas da vida política, destacando o evento de violência contra a senadora Simone Tebet no contexto da CPI da COVID-19:

É triste a realidade que acontece no Brasil desde os primórdios. Os governantes sempre pensam em si próprio, nos parceiros da política e alguns dos seus familiares enquanto sociedade, os cidadãos (sic) que compõe a maior parte da população brasileira, vive à mercê da alta corte, com péssimas qualidades de vida; quando digo isso generalizo para a área da saúde, área educacional etc. Um exemplo de violência envolvendo a "adorada política" bem recente, foi o ataque contra a senadora Simone Tebet(MDB-MS) onde o ambiente é inteiramente dominado por homens, tudo pelo único fato dela ser uma mulher dentro desse local. A partir desse exemplo citado, já dá para entender que a violência não só ocorre com os meros cidadãos (sic); mas também com mulheres e homens que discorda da opinião que satisfaça

uma pequena minoria, como na época dos grandes fazendeiros e senhores de engenho.

Essas e muitas outras redações são exemplos de como a novela é capaz de mobilizar múltiplos diálogos, ou “multiálogos” como sentencia Ester Hamburger. Cada sujeito, não obstante a discussão sistematizada em sala de aula, pautou-se por um nó do problema e procurou discorrer a partir das referências e perspectivas que lhes eram afins. Nesse sentido, a produção textual em aula de história reflete-se em instrumento de construção de sínteses a respeito de problemas e de diálogo entre aluno e professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações finais, gostaríamos de advogar pela validade de nossa hipótese: a novela é capaz de mobilizar temas sensíveis em sala de aula. A partir disso, cabe ao professor manipular a operação historiográfica de acordo com uma orientação de diálogo constante entre passado e presente. É justamente por isso que precisamos evidenciar a capacidade do professor em elaborar hipóteses de trabalho para além daquelas já aventadas pelo material de estudo disponível, mormente o livro didático. Não que esse deva ser demonizado, como já o fora nos meios universitários, mas devemos destacar que um material de estudos não basta por si só e é preciso a atuação do professor como profissional capacitado para construir inteligibilidades outras a partir da realidade que lhe é dada.

Nesse sentido, a produção das redações pode ser instrumento de síntese coletiva, onde o professor entra em contato com as múltiplas formas segundo as quais os próprios alunos construíram suas inteligibilidades dos objetos propostos a partir das enunciações do professor. Aspecto interessante para o curso de um ano letivo, a produção de redações pode ampliar o escopo de verificação dos elementos discursivos mobilizados pelos alunos na contraposição com as historicidades construídas pelo professor em sala de aula.

Por fim, e não menos importante, o rico campo das linguagens deve ser trazido à sala de aula, sobretudo no que diz respeito à necessidade que os alunos, imersos numa cultura imagética com hegemonias sólidas, têm de conhecer outras experiências e execuções estéticas.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. 11^a ed. RJ: Ouro sobre azul, 2010.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. RJ: Civilização Brasileira, 2015.

DUARTE, Lima. Entrevista concedida ao programa “Fantástico”, no ano de 2012, em episódio do quadro “O que vi da vida”, que foi ao ar entre agosto de 2011 e maio de 2013. Posteriormente, retorna em 2015, focando apenas em esportistas. Para mais informações sobre o quadro e acesso à entrevista, ver: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/fantastico/entrevistas/o-que-vi-da-vida/> último acesso em 20 de novembro de 2021.

HAMBURGER, Esther. **O Brasil Antenado: a sociedade da novela**. 1^a ed. RJ: Zahar, 2005.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. **Ensino de história: passados vivos e educação em questões sensíveis**. Revista história hoje, v. 7, n^o 13, p. 14-33, 2018.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. 2^a ed. SP: Companhia de Bolso, 2006.

SILVA, Rosinaldo Barbosa da. Produção de centros e centralidades urbanas na conurbação Cuiabá-Várzea Grande-MT. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de Brasília, 2019.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. 3^a ed. SP: Martins Fontes, 2003.

ANEXOS

Redações elaboradas por alunos de diversas turmas:

A novela “O Bem Amado” nos apresenta uma relação manipuladora de Odorico Paraguaçu sobre o cangaceiro Zeca Diabo, relação a qual reflete o modelo de colonização do Brasil. É evidente que Zeca não é naturalmente mau, é apenas uma vítima que foi “obrigada” a ser inserido no cangaço pela estrutura social dali. Na sociedade colonial brasileira, os engenhos nordestinos construíram uma cultura subsidiária pobre e

dependente diretamente ligada à atividade pastoril, o sertanejo. Em meio desse povo havia a importante figura do coronel, um fazendeiro que, por deter um elevado poder de fogo e da principal atividade econômica, o gado, se via na condição de estar acima da lei. Podia-se dizer que os direitos acabavam nas porteiras das grandes fazendas. Então as opções de seus subordinados eram ou aguentar a autoridade do coronel ou se revoltarem e iniciarem uma vida no cangaço. As atitudes de Odorico Paraguaçu como figura máxima de poder da cidade, mesmo que não fosse deliberadamente um coronel, mostram como a marginalização do Zeca Diabo foi apenas um meio necessário para atingir seus objetivos mesquinhos. (Ana Luísa – 2E)

A violência na novela: "O bem amado" é extremamente explícita, o ambiente onde o personagem Zeca diabo vive é sempre bem agressivo cheio de confrontos entre os rivais. Vendo a vida deste personagem percebemos o como a morte se torna frequente, ter sangue em suas mãos é algo rotineiro até quando o cangaceiro desiste e se arrepende de seu passado tomado por óbitos, todos se viram contra ele e uma tremenda troca de tiros se inicia. Podemos identificar que na novela a violência se apresenta descontrolada e exagerada, ela acontece por vingança ou brigas. Ter armas em casa é acessível e tê-la realmente pode ser essencial para se defender de ladrões, uma situação sem quase nenhum controle. (Andréia – 2º C)

A violência sempre esteve presente em grande parte das nossas vidas. Tanto verbal como física, a cada dia que se passa as pessoas estão ficando mais violentas, fazendo coisas para se auto promover e realizar seus gostos e vontades que satisfaça seu ego. Na novela Bem Amado vemos claramente um exemplo disso, onde o prefeito da cidade retratada na novela Odorico, faz de tudo para que Zeca diabo (antes uma pessoa considerada como margem da sociedade da época) não conseguisse se regenerar, ou seja, voltar a vida de cidadão de bem. É triste a realidade que acontece no Brasil desde os primórdios. Os governantes sempre pensam em si próprio, nos parceiros da política e alguns dos seus familiares enquanto sociedade, os cidadãos que compõe a maior parte da população brasileira, vive à mercê da alta corte, com péssimas qualidades de vida; quando digo isso generalizo para a área da saúde, área educacional etc. Um exemplo de violência envolvendo a "adorada política" bem recente, foi o ataque contra a senadora Simone Tebet (MDB-MS) onde o ambiente é inteiramente dominado por homens, tudo pelo único fato dela ser uma mulher dentro desse local. A partir desse exemplo citado,

já dá para entender que a violência não só ocorre com os meros cidadãos; mas também com mulheres e homens que discorda da opinião que satisfaça uma pequena minoria, como na época dos grandes fazendeiros e senhores de engenho. Espero que algum dia, isso tudo melhore, coisa difícil de acontecer; mas lutar para que as minhas esperanças não acabe se esvaindo com o tempo, para que assim tenhamos uma "vida melhor".
(Bernardo - 2º B)

RECEBIDO EM: 14/06/2023

PARECER DADO EM: 06/02/2023



www.revistafenix.pro.br